



# POSIÇÃO GEOESTRATÉGICA DO BRASIL

Luiz Paulo Macedo Carvalho

**E**spaço é poder", no dizer de Ratzel. Eis porque, luta-se ainda pela conquista de espaço terrestre, marítimo, aéreo e sideral.

Por força de sua posição geográfica, com terras no Hemisfério Norte e Sul, ocupando extenso espaço na parte centro-oeste do continente, equivalente quase à metade do território sul-americano, com 15.719 km de fronteiras terrestres e projetando-se sobre o Atlântico Sul, ao longo de 7.408 km do litoral, o Brasil destaca-se no panorama estratégico mundial pela continentalidade e maritimidade.

Esta imensa base física continental-marítima, com fronteira terrestre duas vezes maior do que a oceânica e o saliente nordestino lançando-se sobre a massa afro-euro-asiá-

tica, assegura ao Brasil proeminente papel a desempenhar na segurança do Ocidente.

Detentor da quarta massa compacta mundial, o Brasil, com 40% do seu território tipicamente continental, fazendo limites com dez países sul-americanos — exceto o Chile e o Equador —, está separado do Pacífico pelo maciço andino e detém 60% e 45%, respectivamente, da área das bacias do Amazonas e do Prata, o que lhe garante ser o maior país amazônico e platino.

As dimensões desta continentalidade, pois, conferem ao Brasil poder e preocupação constante com o ecúmeno, aproximação e articulação com os vizinhos, ocupação e desenvolvimento do seu interior, estabelecimento de liga-

## A MISSÃO DA CPRM É

ções e comunicações das "vertentes antagônicas" do Atlântico e do Pacífico, bem como das bacias amazônica e platina, a fim de se capacitar a desincumbir-se da impostergável missão de preservar a sua soberania e defender o continente americano.

Por sua vez, a vocação marítima, ditada pela posse da maior extensão de costa na margem ocidental do corredor atlântico, ao Sul do Equador — no trecho norte, a partir de Natal até o Oiapoque, voltada para o Caribe e o Atlântico Norte e, no trecho sul, de Natal ao Chuí, para o Atlântico Sul até a Antártica —, e do estratégico trampolim do saliente nordestino, atribui ao Brasil considerável parcela de responsabilidade pela segurança na parte meridional do Atlântico.

A maritimidade, manifestada desde os primórdios do descobrimento da Ilha de Vera Cruz e transformada em pulmão da economia brasileira, exerce ponderável influência em 60% de nosso espaço terrestre, penetrando até 1.000 km interior adentro.

As águas do mar levam o Brasil a participar tanto da comunidade do Atlântico Norte como do Atlântico Sul, a entrar em contato com vinte países da África próxima, a se defrontar com a Antártica, a ter acesso ao Golfo Pérsico através do Índico e ao longínquo Japão pelos Estreitos de Drake e de Magalhães, além de facilitar as ligações com as Antilhas, a Guiana Francesa, o Su-

riname, a República da Guiana, a Venezuela, a Colômbia, os EUA, o Canadá e os vizinhos do Cone Sul — Argentina, Uruguai e Chile. Sendo o Atlântico o "mare nostrum", infere-se, portanto, que a linha de cobertura afastada do litoral brasileiro passa pela vertente ocidental da África.

Lembrado que o Amapá, no passado, já integrou a Guiana Francesa e considerada a importância da passagem do Canal do Panamá, ameaçada hoje pela existência de uma Cuba vermelha e expansão comunista na América Central, as atenções do Brasil são premidas também a se voltar para o Caribe.

O truísmo geopolítico, por outro lado, preconiza que quem domina a boca ou as quedas d'água a montante de um rio controla a bacia gerada por este e seu próprio curso. Aplicada tal verdade às bacias amazônica e platina, torna-se evidente o poder exercido pelo Brasil nessas áreas, interiorizando sua influência até países andinos, bem como à Bolívia e ao Paraguai. Se levado em conta ainda que o porto de Rio Grande tem maior calado do que o de Buenos Aires, com longo canal fluvial, o Brasil afasta a Argentina das rotas de comércio internacional, anulando a força geratriz da convergência dos rios formadores da área mais rica da América Latina — a Bacia do Prata.

Afora as vantagens estratégicas já apontadas, a maritimidade brasi-





Concomitantemente, qualquer tentativa de invasão do continente americano e conquista dos EUA por potência européia ou asiática pressupõe como estratégia a instalação de bases iniciais no noroeste africano, seguida da *ocupação do saliente do Nordeste brasileiro e*, posterior do arco do Caribe, via de acesso natural já visualizada durante e II Grande Guerra e sugerida por MAO para o cerco do denominado "centro industrial" do globo (os países ditos primeiro-mundistas) pela "zona rural" do planeta (o Terceiro-Mundo).

Diante das ameaças latentes no Atlântico Sul — traduzidas pelos históricos antagonismos existentes na América espanhola; pela crescente influência soviética na África, principalmente, na Guiné, Guiné-Bissau, Nigéria, Zaire e Angola; pela impopularidade internacional do racismo da África do Sul; pelo domínio dos mares pela frota de submarinos da União Soviética, armados com mísseis balísticos intercontinentais; pela presença cubana no Suriname e no Caribe; pelo risco de um conflito entre o Ocidente e o Oriente, com súbito

fechamento dos canais de Suez e do Panamá: pelo comprometimento do Tiar em consequência da crise das Falklands; pela incapacidade dos países condôminos da área proverem sua segurança isoladamente —, cresce desde já a necessidade do Brasil ficar em condições de assumir maior responsabilidade pela defesa de tão significativa região estratégica.

### BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Terezinha. *Atlas — Texto de Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro. Capemi Editora, 1981, 58 páginas.
- LESSA, Luiz G. S. Atlântico Sul: Importância do Brasil no Decorrer da 2ª Guerra Mundial. *Military Review*. Fort Leavenworth, Kansas, EUA. LXIII (2): 24-38. 1983.
- MATTOS, Carlos de Meira. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora. 1977. 147 páginas.
- ——. *Brasil — Geopolítica e Destino*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército. 1975. 109 páginas.
- ——. *Considerações Estratégicas Sobre a Ocupação das Malvinas*. Carlisle, Pensilvânia, EUA. U.S. Army War College. 1982.
- TRAVASSOS, Mário. *Projeção Continental do Brasil*. Rio de Janeiro. Companhia Editora Nacional. 1935. 206 páginas.



O Cel. QEMA Luiz Paulo Macedo Carvalho possui os cursos de Técnica de Ensino, de Motomecanização (EsMB), de Aperfeiçoamento (EsAO), de Comando e Estado-Maior (ECEME), de Estado-Maior do Exército Britânico (Staff College Camberley), do Centro do Real Corpo de Educação do Exército Britânico (Beaconsfield), de Extensão de Manutenção e Reparação Automóvel, do Exército dos EUA (Aberdeen Proving Ground), e Superior de Guerra (ESG), além de ser bacharel em Ciências Políticas e Econômicas. Integrou também o corpo permanente da Escola Superior de Guerra e o Conselho Editorial da Biblioteca do Exército.